

A repetição como estratégia de formulação do discurso oral e a organização tópica

The repetition as a formulation strategy of oral discourse and the topical organization

Mircia Hermenegildo Salomão ¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discutir o fenômeno da repetição como estratégia de construção e formulação textual-interativa, a fim de observar como esse artifício está diretamente relacionado ao tópico discursivo, através de suas propriedades de concentração e organicidade. O uso de uma palavra ou estrutura sintática é classificada como repetição se funcionar para a construção de uma concentração tópica, instituindo relação de concernência com a matriz. Desse modo, o principal interesse desta pesquisa é analisar em que medida a estratégia da repetição estabelece a função de manutenção e de condução tópica, assim como outras estratégias de construção textual-interativa como os parênteses, as paráfrases e as correções. Pretende-se observar também como o tópico, como unidade analítica, consegue particularizar as funções da repetição.

Palavras-chave: Repetição; Tópico Discursivo; Manutenção e Condução Tópica

ABSTRACT: The purpose of this paper is to discuss the repetition as construction strategy and textual-interactive formulation, in order to see how this trick is directly related to the topic of discourse, through its concentration and organicity properties. In this way, the use of a word or syntactic structure is classified as a repetition if it operates for the construction of a topical concentration, establishing a relation of reference with the matrix. The main interest of this research is to analyze to what extent the strategy of repetition establishes the maintenance function and the topical conduction, as well as other strategies of textual-interactive constructions, such as parentheses, paraphrases and corrections. We also intend to observe how a topic, being an analytic unit, can particularize the functions of repetition.

Keywords: Repetition; Discursive Topic; Topical Maintenance and Conduction.

PALAVRAS INICIAIS

A perspectiva textual-interativa se fundamenta na concepção de linguagem como "forma de ação e interação social" (JUBRAN, 2006). Os interlocutores, desse modo, "realizam tarefas comunicativas de trocas de representações, de metas, de interesses, no contexto de um espaço discursivo orientado para os parceiros da comunicação" (JUBRAN, 2007, p.314) e, a partir, dessas diferentes trocas de representações é possível observar como

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de São José do Rio Preto. E-mail: mirciah@yahoo.com.br

os parceiros se situam em relação a seus papéis sociais e discursivos, às suas atitudes, a seus propósitos e às reações assumidas durante o intercâmbio comunicativo (JUBRAN, 2007).

Nessa perspectiva, a autora salienta que as escolhas textuais realizadas pelos interlocutores também estão estreitamente relacionadas ao seu conhecimento de mundo, às suas crenças e ao domínio das estratégias socioculturalmente determinadas que favoreçam o estabelecimento, manutenção e eficácia da interação verbal, na tentativa de conservar a relação face a face, por meio da polidez e da negociação de diferentes situações comunicativas, como os turnos, tópicos e as normas que a orientam.

Jubran (2007) ressalta ainda que as propriedades e os fatos são definidos no uso, ou seja, nas situações concretas de interação, envolvendo as circunstâncias enunciativas. Acrescente-se a isso o posicionamento sócio-histórico-situacional dos interlocutores no momento da fala. A efetivação da atividade verbal, desse modo, manifesta a competência comunicativa, entendida por Tenani (1996, p. 12) como "a capacidade dos falantes de manter a interação social mediante a produção e entendimento de textos que funcionam comunicativamente." De acordo com a autora,

A noção de competência comunicativa é compreendida como um saber que engloba a competência linguística, na medida em que o saber linguístico é necessário para a formulação e compreensão de textos. O texto, neste quadro teórico, é entendido como produto linguístico marcado pela dinâmica da atuação interacional, ou seja, o texto é produto da competência comunicativa (TENANI, 1996, p.12)

A relação de implicação entre a competência comunicativa e a linguística constata que a primeira não tem um caráter de acréscimo à segunda. Por essa razão, nessa perspectiva teórica, os textos não se constituem como “entidades linguísticas que adicionalmente possuem um caráter comunicativo” (Schmidt, 1978 *apud* Jubran, 2007), e sim como unidades sócio-comunicativas verbalmente realizadas.

A partir dessa concepção de texto, vemos que a linguagem se caracteriza por meio da interação social, isto é, os fatores interacionais constituem o texto, uma vez que se introjetam nele e são inerentes à expressão linguística. Dessa forma, as condições enunciativas que sustentam a ação verbal mostram-se no texto, através das próprias escolhas consideradas como adequadas à situação comunicativa.

Essa maneira de se ver a linguagem como forma de interação social, por meio de uma ação verbal, isto é, o imbricamento entre o textual e o interativo, para a análise de estratégias de elaboração textual, não dicotomiza as funções textual e a interativa, ao contrário, as

reúnem. Na verdade, em um dado procedimento de construção ou de estratégia textual, tal perspectiva se pauta no princípio de gradiência, pois há diferentes níveis de dominância entre o textual e o interativo. Em determinadas construções há a dominância de um ou de outro.

Ao refletir essas questões e as estratégias de organização e manutenção tópica, discutiremos, neste trabalho, a repetição como estratégia de construção e formulação textual-interativa, a fim de observar como esse artifício está diretamente relacionado ao tópico discursivo, através de suas propriedades de centração e organicidade. De acordo com Jubran "qualquer que seja a manifestação linguística da repetição, o processo repetitivo só pode ser devidamente configurado se associado à elaboração de um tópico discursivo" (2006, p.37), pois é no segmento tópico que se pode apreender as identidades e as semelhanças entre as construções linguísticas. Desse modo, o uso de uma palavra ou estrutura sintática é classificada como repetição se funcionar para a construção de uma centração tópica, instituindo relação de concernência com a matriz. Nosso principal interesse é analisar em que medida a estratégia da repetição estabelece a função de manutenção e de condução tópica, focalizando a propriedade de centração do tópico discursivo.

Nas seções seguintes, discorreremos sobre a amostra utilizada nesta pesquisa, além de fazer um breve percurso dos estudos pioneiros sobre a repetição (RAMOS, 1983; TANNEN, 1987, 1989), desde os estudos de Marcuschi (1992) ainda na Análise da Conversação, até os estudos desta estratégia de reformulação dentro da Perspectiva Textual-Interativa (KOCH, 2001, 2005; JUBRAN, 2006; MARCUSCHI, 2006). Posteriormente, passaremos a uma problematização do tópico discursivo como unidade analítica e, na sequência, discutiremos alguns casos da repetição.

2 APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA

O nosso *cópus* é constituído por um recorte mínimo das Amostras Censo e das Amostras de Interação do Banco de Dados Iboruna², isto é, utilizaremos apenas as Amostras que possuam nível superior e/ou nível médio, com o propósito de observar uma tendência do português culto falado em São José do Rio Preto e nas cidades circunvizinhas. Das dez

² O nome *Iboruna* (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani (GONÇALVES, 2008) que se pretendeu atribuir a cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração do seu cinquentenário. No entanto, houve uma contundente intervenção do episcopado riopretense que acabou impedindo a mudança e conquistou de modo definitivo a denominação primitiva São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944.

Amostras de Interação presentes no Banco de Dados Iboruna, apenas três se encaixam dentro desse recorte, ou seja, os informantes possuem nível superior completo, incompleto e um deles nível médio; utilizaremos, entretanto, apenas a interação AI 001, por possuir um arquivo de som em melhor estado. Das 152 Amostras Censo coletadas no Iboruna, em 35 delas os informantes apresentam nível superior. Como são relativamente extensas, usaremos um recorte de apenas quatro amostras, a saber: AC 017, AC 049, AC 145 e AC 148.

O Banco de Dados Iboruna³ é relativamente recente, pois suas entrevistas foram gravadas entre 2004 e 2007. Ele registra uma variedade do português brasileiro ainda pouco conhecida: o português falado numa parte da região noroeste do estado de São Paulo nucleado em São José do Rio Preto e estendida a seis cidades vizinhas: Cedral, Bady Bassity, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol e Onda Verde (GONÇALVES, 2008)

Há, no entanto, certa dificuldade no uso das Amostras de Interação nas pesquisas, pois as variáveis sociais – escolaridade, gênero, faixa etária - que aparecem explícitas nas Amostras Censo, não foram controladas nas Amostras Interação, que consistem em gravações anônimas, feitas sem o conhecimento prévio dos informantes; conseqüentemente, os participantes das interações não constituem grupos homogêneos; pelo contrário, são indivíduos de diferentes categorias sociais, etárias e de diferentes níveis de escolaridade.

Os tipos de textos coletados na Amostra Censo (AC) têm algumas diferenças em relação ao NURC, banco de dados usado nas pesquisas do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF); este apresenta as elocuições formais (normalmente gravações de aula, de conferências, etc.) e o diálogo entre dois informantes (D2) que são tipos de texto que a Amostra Censo do Iboruna não possui. O diálogo entre informante e documentador (DID), em contrapartida, se assemelha à Amostra Censo do Iboruna. Em relação à Amostra Interação, podemos dizer, salvo devidas proporções, que ela se parece um pouco com o diálogo entre dois informantes (D2) do NURC, visto que revela uma simetria interacional e uma co-participação dos interactantes no processamento textual, com alternância de turnos entre eles, fato que não acontece nas narrativas da Amostra Censo.

Focalizando o banco de dados desse trabalho, salientamos que cada entrevista do Iboruna, na Amostra Censo, é composta por cinco tipos de texto: narrativas de experiência pessoal, relato de narrativa recontada, relato descritivo, relato de procedimento e relato de

³ Todas as amostras de fala estão disponíveis em meio eletrônico, na sede do Projeto ALIP, na UNESP de São José do Rio Preto. Encontra-se também à disposição, gratuitamente, no site do projeto <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>, parte do material integrante do Banco de Dados Iboruna, inclusive o material sonoro.

opinião. Já a Amostra de Interação é composta apenas por uma interação entre os interactantes.

As narrativas de experiência são histórias vivenciadas pelos próprios informantes. As histórias contadas pelas mulheres focam, de maneira geral, o primeiro filho, o casamento, o primeiro namorado, ou problemas vividos com o parceiro. Já as histórias narradas pelos homens são mais diversas: há histórias com a mesma temática do grupo feminino, mas existem, também, narrações sobre o ambiente de trabalho, sobre os parentes da esposa, sobre responsabilidade exigida no trabalho, sobre a fundação de Mirassol etc.

As narrativas recontadas são histórias interessantes que os informantes ouviram de alguém e as recontam para o documentador. Já o relato descritivo revela a descrição de algum lugar de que o informante gosta, por exemplo, a sua casa, o clube que frequenta ou de um lugar visitado durante uma viagem. No relato de procedimento, o informante explica ao documentador como se realiza alguma atividade; esta narrativa é pautada por receitas e procedimentos de trabalho. Já o relato de opinião expõe a avaliação do informante sobre determinados assuntos como política, educação, violência, gravidez na adolescência, etc.

3 REPETIÇÃO: ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

Ao conversarmos, não nos damos conta da quantidade de repetições que realizamos, já que a compreensão do texto oral espontâneo se dá por estratégia natural de eliminação ou idealizações empreendidas pelo ouvinte. Todas as pessoas têm noção do que seja uma repetição e, normalmente, sabemos identificá-las, mesmo que não consigamos distinguir claramente suas funções (MARCUSCHI, 1992). A repetição presente nas interações em língua falada é uma parte importante do próprio texto em elaboração e reformulação, dessa forma, ela não pode ser considerada um descontinuador textual, mas uma estratégia de formulação do discurso oral, reflexo do próprio processo interativo desenvolvido.

Muito se tem pesquisado sobre o fenômeno da repetição em textos orais, no entanto, a maior parte desses trabalhos centram o foco nas regularidades, causas e funções dessas repetições na conversação. De acordo com Castro (1994),

A repetição, enquanto característica da língua falada, tem merecido a atenção de muitos investigadores que têm-se ocupado do estudo do português oral. O fenômeno tem sido abordado a partir de recortes diferentes, de maior ou menor abrangência, e, de uma maneira geral, tem-se procurado definir os tipos de repetição segundo sua constituição formal e,

sobretudo, segundo as funções que desempenha na interação verbal e na composição do texto. (Perini 1980; Ramos 1983; Travaglia 1989; Dutra 1990; Souza 1990; Koch 1990, 1992; Marcuschi 1992) (CASTRO, 1994, p.86).

A repetição também acontece na escrita, no entanto, em uma escala menor, já que o texto passa por um processo de revisão e reformulação, causando o seu apagamento.

Em seu trabalho, Ramos (1983) revela como o fenômeno da repetição se articula com a compreensão, voltando-se para o ouvinte, tanto no nível da sintaxe, quanto no nível do discurso. A autora propõe uma classificação funcional do fenômeno, na tentativa de descrever de que maneira a repetição contribui para facilitar a tarefa do ouvinte na compreensão dos enunciados. Ao assumir a perspectiva do receptor da fala, a autora enxerga a repetição como um dos recursos do falante para "neutralizar as limitações de desempenho decorrentes da limitação de memória ou falhas de atenção" (RAMOS, 1983, p. 47). As repetições são organizadas em duas grandes classes, a saber: (i) as que visam a facilitar a tarefa do ouvinte na decodificação dos enunciados e (ii) as que realizam outras funções. Essa tipologia de repetições e funções proposta por Ramos (1983) parece muito restrita, uma vez que centra-se apenas no nível da sentença e quase não considera as funções linguístico-interativas da estratégia.

Tannen (1989), no entanto, distingue dois grupos de estratégias de envolvimento baseados na repetição, isto é, estratégias pautadas no som e estratégias pautadas no significado, fato que transforma a repetição em algo central na oralidade. Por outro lado, a repetição também se tornaria o fio condutor da interação ao proporcionar o envolvimento dos falantes em seus negócios interacionais.

A autora classifica as funções de repetição, baseando-se nas noções de envolvimento e de pré-padronização linguística, agrupadas em quatro categorias, a saber: (i) Produção: a repetição, nesse caso, ajuda o falante a produzir um volume de linguagem maior com mais fluência. Desse modo, a repetição situa as novas informações e permite ao falante um tempo para refletir sobre o que dirá na sequência, sem que se perca o turno; (ii) Compreensão: a repetição facilita a compreensão do ouvinte, pois o falante se beneficia do espaço criado por ela e o ouvinte se beneficia do mesmo espaço para a compreensão; (iii) Conexão: a repetição torna-se um mecanismo coesivo. Assim, une as partes do discurso e ajuda a criar os paralelismos; (iv) Interação: a repetição contribui para a negociação na conversa, ajuda na tomada e entrega de turnos, revelando atenção e interação mútua.

Considerando essas quatro categorias, Tannen (1989) pode detectar as formas que as repetições assumem, fato que a faz distingui-las entre auto e hetero-repetição, repetição exata ou com variação, imediata ou retardada, no diz respeito ao tempo de produção. No entanto, essas fronteiras são difusas e a autora não chega a fazer uma análise detalhada do fenômeno.

Travaglia (1989), em seu trabalho, propõe um estudo das repetições na língua oral e na conversação, a fim de identificar as regularidades, causas e/ou funções dessas repetições decorrentes da estrutura e características da conversação. Utilizando o aparato teórico da Análise da Conversação, o autor faz uma discussão de trabalhos anteriores que abordaram essa temática (TANNEN,1985; RAMOS, 1983; KOCH, 1988; MARCUSCHI, 1989) e levanta alguns aspectos formais da repetição, propondo uma nova classificação de acordo com cinco critérios, a saber: (i) modalidade de língua; (ii) relação entre os dois interlocutores; (iii) quanto ao primeiro produtor do segmento que se repete; (iv) critério formal; (v) quanto à motivação e/ou função da repetição. O autor salienta que a sua classificação quanto à motivação e/ou função demonstra que as causas da repetição podem ter diversas naturezas, o que pode gerar estudos com enfoques distintos reveladores de aspectos importantes da repetição, que, provavelmente se complementam e explicam, independentemente ou em inter-relação, fatos que uma única abordagem não explicaria.

Koch (2001, p.19) destaca que "a repetição constitui uma das estratégias básicas de construção do discurso", salienta ainda que a presença dessa estratégia pode não ser notada, mas a sua ausência seria significativa. A autora ressalta que a repetição pode ser caracterizada como um fenômeno de interação linguística, apresentando peculiaridades comuns a algumas línguas. A repetição, dessa forma, seria uma prova contundente da iconicidade na linguagem, já que a quantidade de formas aumentaria a quantidade de sentidos.

Em seu trabalho, Koch (2005) defende a posição de que a repetição não pode ser tratada como uma forma negativa da língua oral, pois se trata de uma estratégia constante na conversação, em palestras, aulas e exposições em geral, na interação entre amigos e familiares. A repetição é, dessa forma, uma estratégia básica de estruturação do discurso.

Marcuschi (1996, 2006), em seus estudos sobre essa estratégia, afirma que as repetições apresentam características de um planejamento *on line*, face a face, com traços de texto espontâneo, isto é, não preparado anteriormente. O autor ressalta a dificuldade de se identificar com clareza o que é e o que não é uma repetição, em virtude de suas variadas formas e funções; salienta, ainda, que a repetição serve de suporte para o processo de compreensão e estruturação da interação verbal. De acordo com Marcuschi (1992), a

repetição é um dos mecanismos mais presentes na produção, condução e compreensão do texto oral. Sua eliminação, no diálogo, pode acarretar textos incompreensíveis, causando problemas na interação entre os interlocutores.

O autor formula ainda uma hipótese geral de que os padrões sintáticos tem íntima relação com os padrões interacionais na fala, fazendo com que certas propriedades sintáticas sejam controladas no nível discursivo em função de propostas comunicativas. No entanto, as ações interativas são geradas no fluxo de padrões sintáticos em andamento, operando como base para a continuidade tópica, a coesividade, a compreensão, a interação e a argumentação (MARCUSCHI, 1996, p.96). Dessa maneira, a repetição não pode ser considerada um descontinuador textual, mas uma estratégia de composição do texto e de condução do tópico discursivo.

De acordo com Marcuschi (2006), as repetições podem se manifestar de diversas maneiras e com muitas funções, isto é, elas são multifuncionais. Assim como nas pesquisas de Tannen (1985, 1987, 1989), o autor afirma que as repetições podem distribuir-se em auto (exemplo 1a) e hetero-repetições (exemplo 1b); no primeiro caso, o próprio falante produz a repetição (R) em sua fala, já, no segundo caso, o interlocutor repete o seguimento dito pelo locutor. Vejamos os exemplos:

- (1) (a) Inf.: ¹[ela] é **bem clarinha** assim... tipo você assim **bem bem clarinha** assim a pele tudo... ela é meio loira que ela é meio claro assim o cabelo dela (AC 017/DE/L 178-179)
- (b) Doc.: ¹[e:] ah deixa eu vê(r) e cê já conheceu ela nesse dia mes::mo ²[ou cê] ²[Inf.: não] **já conhecia e::la?**
Inf.: **eu já conh/ eu já co-nhecia ela né?**
Doc.: e **como cê conheceu ela?**
Inf.: **eu conheci ela** através da::... mi/ da minha irmã que ela::/ é ela é amiga dela né? e na/ naquela época ela tava na quarta-série eu tava na segunda-série (AC 017/NE/L 15-20)

Em relação à distribuição na cadeia textual, o autor salienta que as repetições podem ser adjacentes (contíguas ou próximas à matriz) ou distantes, principalmente quando o segmento vem repetido em outros tópicos. Marcuschi (2006) afirma ainda que a repetição integral é mais difícil de acontecer que a com variação e considera que a variação aumenta se considerarmos os aspectos prosódicos, já que não é fácil manter a mesma entonação em todos os segmentos repetidos.

Sob o ponto de vista do segmento repetido, o autor chama a atenção para cinco tipos de repetições, a saber: (i) repetições fonológicas; (ii) repetições de morfemas; (iii) repetições

de itens lexicais; (iv) repetições de construções subordinadas e, por último, (v) repetição de orações. Marcuschi (2006) procura discutir os seus aspectos funcionais, concluindo que a repetição tem "na coesividade e condução tópica sua presença mais frequente e sistemática, já as funções de argumentatividade e interação têm uma presença mais variada" (p.254). Segundo o autor, a repetição se constitui numa importante estratégia para o processo textual-interativo, seja na preservação da funcionalidade comunicativa ou no processamento informacional.

Em sua revisão da noção do tópico discursivo, Jubran (2006) verifica sua operacionalidade na particularização das estratégias de construção textual como a paráfrase, os parênteses e a repetição. Para a autora, independentemente da manifestação linguística da repetição (seja fonológica, morfológica, de itens lexicais, de construções subordinadas ou oracionais), ela só pode ser devidamente configurada se estiver associada à elaboração tópica, pois é dentro do segmento tópico que "são apreendidas as identidades ou semelhanças entre construções linguísticas" (JUBRAN, 2006, p.37).

Passemos então à discussão do tópico como categoria analítica para entendermos globalmente o funcionamento das repetições dentro do tópico discursivo.

4 O TÓPICO COMO UNIDADE DE ANÁLISE

Nossa intenção, nesta seção, não é discutir todos os estudos detalhadamente sobre a noção de tópico discursivo, mas abordar alguns trabalhos, que julgamos mais relevantes, para o entendimento de suas principais categorias, a saber: centração e organicidade. A finalidade dessa discussão é analisar, posteriormente, como a estratégia da repetição ajuda a estabelecer a manutenção tópica.

A noção de tópico discursivo é, inicialmente, desenvolvida por Jubran *et. al.* (1992) nos estudos linguísticos brasileiros. Os autores caracterizam o tópico como uma unidade abstrata, que se manifesta na conversação, por meio de "enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem" (JUBRAN *et. al.*, 1992, p.361).

O tópico discursivo foi definido como uma unidade de análise de estatuto discursivo adequada à descrição do texto oral (JUBRAN *et. al.*, 1992), por meio das pesquisas do Grupo de Organização Textual-Interativo do Projeto de Gramática do Português Falado, afastando,

dessa forma, a possibilidade de se eleger o turno como unidade de análise do texto falado, pois, de acordo com Jubran (2006),

devido ao processo que envolve colaborativamente os participantes de uma interação verbal na construção do texto, um turno é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior. Ou seja, há uma projeção de possibilidades que um elemento do turno antecedente desencadeia no próximo turno. Essa relação de interdependência entre turnos é promovida pelo movimento de entrosamento entre os interlocutores, que procuram articular suas falas, mantendo-as, de forma coesa e coerente, em torno de um conjunto referencial que se projeta como foco da interação em dado momento do evento comunicativo. (JUBRAN, 2006, p.34)

De acordo com a autora, era possível pleitear uma unidade discursiva que não fosse tão restrita quanto o turno "cujas particularidades estariam assentadas na integração de enunciados em um conjunto relevante de referentes e cujos limites seriam dados pela proeminência desse conjunto em determinado ponto do texto" (JUBRAN, 2006, p.34)

Dessa forma, o tópico passa a ser entendido como uma categoria analítica abstrata, com a qual o analista opera, baseando-se em suas propriedades, para recortar segmentos e descrever a organização tópica. Segundo Pinheiro (2006), o tópico serve para descrever o conteúdo sobre a qual se fala, sinalizando a perspectiva focalizada, dessa maneira, ele "é visto como uma categoria analítica, de base textual-discursiva, ou seja, relaciona-se com o plano global de organização do texto, mas é visto também como uma categoria interacional, pois é resultante da natureza interativa e colaborativa do discurso" (p.44). Jubran *et. al.* (1992) sinalizam que a construção tópica envolve um complexo de fatores contextuais, como o intercâmbio verbal, os conhecimentos partilhados entre os interlocutores, a visão de mundo, etc. Esses fatores envolvidos na construção tópica o caracterizam como uma categoria interacional.

Considerando o tópico como categoria analítica, os autores ressaltam duas propriedades principais que particularizam o tópico discursivo: a centração e a organicidade. A centração abrange pelo menos três traços característicos, que são: (i) a concernência; (ii) a relevância; e (iii) a pontualização. O primeiro traço revela uma relação de interdependência semântica entre os enunciados, ocasionando a integração no referido conjunto de referentes explícitos ou não. Já o segundo se preocupa com a relevância desse conjunto de referentes, derivado da posição focal assumida pelos seus elementos; enquanto o terceiro traço abrange a localização desse conjunto, considerado como focal, em determinado momento da mensagem (JUBRAN, *et. al.*, 1992)

No que diz respeito à organização tópica, os autores afirmam ainda que ela pode ser observada em dois níveis: no plano hierárquico e no plano sequencial. Conforme observa Pinheiro (2012),

No plano hierárquico, as sequências textuais se desdobram em supertópicos e subtópicos, dando origem a quadros tópicos, caracterizados, obrigatoriamente, pela centração num tópico mais abrangente e pela divisão interna em tópicos coconstituintes; e, possivelmente, por subdivisões sucessivas no interior de cada tópico coconstituente (...)

No que diz respeito ao plano sequencial, dois processos básicos caracterizam a distribuição de tópicos na linearidade discursiva: a continuidade e a descontinuidade. A continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos, com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado. A descontinuidade se caracteriza por uma perturbação da sequencialidade linear, causada ou por uma suspensão definitiva de um tópico, ou pela cisão do tópico, que passa a se apresentar em partes descontínuas. (PINHEIRO, 2012, p. 798)

A reflexão sobre o tópico discursivo permite que Jubran *et. al.* (1992) identifiquem e restrinjam o segmento tópico, ou seja, a unidade discursiva capaz de atualizar as propriedades do tópico. Pinheiro (2012), sobre este assunto, salienta que, enquanto "o tópico discursivo é uma categoria analítica abstrata, o segmento tópico é a sequência textual que preenche as propriedades dessa categoria" (p.798)

Sendo o tópico uma categoria abstrata, Pinheiro (2006) ressalta, no entanto, que o fato de o tópico não se encontrar materializado no texto ocasionou a crítica de que a noção tópica é meramente intuitiva, o que provocaria, segundo os seus críticos, dificuldades de operacionalização. Entretanto, o autor destaca que "os traços de concernência e relevância que precisam a centração se apresentam como um critério a partir do qual o tópico pode ser identificado" (PINHEIRO, 2006, p.44).

De acordo com Jubran (2006), o ponto de partida para estabelecer a noção de tópico foi o princípio pragmático da cooperação entre os interlocutores durante a conversação. No entanto, segundo a autora, a propriedade da centração "por estar predominantemente apoiada na função representacional, não abarca a contrapartida interacional, pertinente a uma abordagem textual-interativa" (JUBRAN, 2006, p.35). A autora propõe, dessa forma, uma releitura dos trabalhos anteriores, a fim de apresentar algumas complementações aos traços definidores do tópico. As noções de concernência, relevância e pontualização, propriedades da centração, são revistas a partir de uma noção mais ampla de interação, a saber:

a) a concernência – relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal;

b) a relevância – proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo;

c) a pontualização – localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais. (JUBRAN, 2006a, p. 35)

Após essa revisão dos aspectos definidores da centração, os traços de concernência, relevância e pontualização proporcionam, ao tópico discursivo, critérios para o reconhecimento do estatuto tópico de um fragmento textual. Jubran (2006) salienta que a aplicação desses critérios em um texto possibilita o seu recorte em segmentos tópicos, ou seja, unidades textuais que materializam a centração na superfície do texto.

A propriedade tópica da organicidade também é reformulada, pois a priori o seu objetivo central era o da organização tópica da conversação, pautada essencialmente na descrição das relações entre tópicos em um contexto conversacional, enfatizando principalmente as relações intertópicas. Jubran (2006), no entanto, enfatiza que é necessário estender essa propriedade para que ela também abarque as relações intratópicas. A revisão da centração e da organicidade são consequências de uma outra revisão necessária à noção de tópico; de acordo com Pinheiro (2012), o tópico foi formulado para auxiliar a análise de textos conversacionais, "no entanto, uma vez que a topicalidade é um processo constitutivo do texto, a categoria tópico discursivo é aplicável a textos falados e escritos" (p. 800). Jubran (2006) afirma que essa extensão encontra sustentação na própria concepção de topicalidade como processo constitutivo do texto, independentemente de qual seja a sua modalidade.

Feita essa pequena revisão sobre os estudos do tópico discursivo, discutiremos, na seção a seguir, a repetição como estratégia de reformulação textual-interativa, verificando a operacionalidade do tópico discursivo na particularização das repetições.

5 A REPETIÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO

A estratégia da repetição, enquanto forma de organização textual-interativa, conduz à produção de segmentos inteiros duas ou mais vezes, motivadas por diversos fatores, sejam eles interacionais, cognitivos, textuais ou sintáticos (MARCUSCHI, 2006, p.2019).

A repetição pode operar na condução, organização e desenvolvimento do tópico discursivo de diversas maneiras, dependendo da forma de sua manifestação linguística (repetição fonológica, morfológica, de itens lexicais, etc.). Chamamos a atenção para três tipos de repetição encontradas nas Amostras do Iboruna, a saber: (i) repetição suboracional e oracional; (ii) repetição lexical e (iii) repetição de listagem. Nos exemplos a seguir discutiremos como esses tipos de repetição estabelecem a função de manutenção e de condução tópica, focalizando as propriedades de centração e organicidade.

Vejam os exemplos:

- (3) Doc.: C. agora eu queria que cê me conta::sse como que foi aquele dia que o J. machucô(u) o pé
Inf.: foi a gente tinha tem um clube na cidade que:: chama Banespinha... e a gente jogava bola de terça e quinta e:: o J. era pequeno... e ele sempre acompanhava a gente adorava futebol então acompanhava... e a gente eu cheguei de carro no clube... e o J. saiu do do carro já um moleque serelepe foi no/ foi no pomá(r) e pisô(u) num caco de vidro... e:: cortô(u) o pé fez um corte profundo... e eu num posso vê sangue... eu peguei ele no carro passei corren(d)o passei em frente do hospital **vim buscá(r) minha esposa...** pra í(r) pro/ pra í(r) no hospital com ele porque eu num (a)güentava vê... dá(r) ponto nada então foi uma correria... **eu vim em casa busquei minha esposa** ela quase me bateu porque... já pensô(u) eu passei em frente de dois hospitais e vim em casa buscá(r) ela pa voltá(r) po hospital isso tudo correndo que::... eu num gosto de vê dá(r) ponto num posso vê(r) sangue senão eu (a)cabo desmaiando então foi um... foi todo mundo goza até hoje que... a gente com medo de sangue vim... **vim buscá(r) a esposa** aqui passá(r) por dois hospital e **vim buscá(r) a esposa em casa**¹[(inint.)] (AC145/NE/ L.31-45)

No subtópico "como foi o dia em que seu filho machucou", o informante repete duas vezes a construção oracional "vim buscá(r) a minha esposa", no entanto, entre as repetições, ele insere algumas informações extras como "pra í(r) pro/ pra í(r) no hospital com ele porque eu num (a)güentava vê... dá(r) ponto nada então foi uma correria..." e " porque... já pensô(u) eu passei em frente de dois hospitais e vim em casa buscá(r) ela pa voltá(r) po hospital isso tudo correndo que::... eu num gosto de vê dá(r) ponto num posso vê(r) sangue senão eu (a)cabo desmaiando"; as duas informações ainda estão relacionadas à concernência do tópico. Essas informações inseridas são chamadas de parênteses (estratégia de construção tópica) e apresentam, nesse exemplo, marcas formais (tessitura baixa e velocidade mais rápida) que o caracterizam como um segmento parentético.

Após o segundo segmento parentético, o informante retorna ao tópico principal com o uso do marcador discursivo de retomada “então” e logo ao final da unidade discursiva ele repete a estrutura oracional anterior ao parêntese "vim buscá(r) a esposa aqui passá(r) por dois hospital" e "vim buscá(r) a esposa em casa". Dessa forma, a repetição pinça o tópico deixado de lado momentaneamente, a fim de retomá-lo.

O tópico sofre deslocamento do seu centro de relevância, por meio de uma inserção parentética. Essas interrupções, sendo elas definitivas ou momentâneas, mostram, no tópico, uma grande tendência da língua falada na explicitação dos processos de sua própria criação e de suas estratégias de construção. Os parênteses são, desse modo, considerados segmentos de discurso de extensões variadas, que tem por objetivo cumprir um propósito definido de comunicação. Sua interposição numa sequência de informação provoca uma suspensão temporária na linha discursiva, suspensão essa que não afeta a coesão e nem a coerência entre as partes da informação principal, pelo contrário, esses segmentos estão repletos de funções comunicativo-interacionais. Por essa razão, estes segmentos não podem ser descartados do tópico que estava em andamento (TENANI, 1996).

A inserção parentética, assim como as repetições, é considerada uma estratégia de inteligibilidade e de desenvolvimento do tópico discursivo, uma vez que, após a suspensão temporária na linha discursiva, o tópico pode ser retomado por meio de marcadores discursivos e repetição de construções oracionais, como foi possível ver no exemplo (3) com a repetição de "eu vim buscar minha esposa" e suas variações. Dessa forma, podemos dizer que, no exemplo acima, os parênteses e as repetições trabalham conjuntamente na dinâmica na movimentação interacional do segmento tópico. Caso semelhante acontece no exemplo abaixo,

- (4) Inf.5: o cara chega com um fuzil lá... **cê vai chegá(r) com um revólvinho** (inint.) uai eles fura um carro blindado [Inf. 4: éh] e vai... pa ((imitando o barulho de um tiro))... aquilo é aço...dessa grossura fura... **agora cê vai com um revólvinho** combatê(r) um bandido desse aí... combate uns bandido vagabundo... dá um tiro pra cima e corre [Inf.4: éh]

O tópico central abordado pelos interactantes é a questão do desarmamento da população. No entanto, nesse subtópico, eles discutem a qualidade das armas que as pessoas têm em casa para legítima defesa. O informante 5, falando sobre o revólver que o povo costuma ter em seus lares diz "cê vai chegar com um revólvinho", depois comenta sobre o estilo de arma do assaltante "eles fura até carro blindado" e faz um pequeno parêntese, adicionando um

comentário relevante para a conversação "aquilo é aço...dessa grossura fura", esse trecho, no entanto, apresenta uma tessitura mais baixa e uma velocidade maior que o restante do texto falado, caracterizando a inserção parentética. A repetição surge, nesse contexto, para retomar o subtópico sobre o estilo das armas da população em geral, com o uso do marcador discursivo "agora" e a repetição oracional com uma pequena variação em relação à matriz "agora cê vai com um revólvinho"; dessa forma, o informante 5 reintroduz o segmento tópico e volta a desenvolvê-lo.

Nos dois exemplos apresentados, notamos a presença de inserção parentética entre a Matriz (M) e a repetição (R). Os parênteses apresentam funções comunicativas e interacionais específicas para o tópico em que se inserem, oferecendo mais informações para o interlocutor, o que ajuda na inteligibilidade e no compartilhamento de conhecimento de mundo de um segmento discursivo. A repetição, nesses dois casos, marca uma progressão do segmento tópico, uma vez que o interlocutor lança mão de recursos sintáticos, isto é, emprega marcas formais que assinalam as condições interacionais. Ao repetir, os interlocutores retomam o tópico discursivo que ficou interrompido momentaneamente, proporcionando a sua continuidade ou progressão.

Ainda na Amostra Interação 001, o informante 1 pergunta ao informante 5 se ele é a favor do desarmamento, tendo uma resposta positiva ("eu sô(u) a favor de de desarmá(r)...⁶[num] pode comercializá(r) arma"), o informante 5 rouba o turno e desloca o tópico para contar sobre um incidente ocorrido em Votuporanga, onde um senhor foi sequestrado, mesmo possuindo duas armas em casa. Após a conclusão desse tópico paralelo, porém estritamente relacionado à conversa, o informante 5 faz um pequeno comentário "mais duas armas a serviço do crime", prontamente respondido pelo informante 1. Ao retomar o turno, o informante 5 reintroduz o tópico central através da repetição oracional " mais sabe porque que eu sô(u) mais favorável a isso aí...". Como se pode ver em (5):

- (5) ⁵[Inf.5: num pode nem (inint.)] hoje nós tamo(s)...agora você me diz uma coisa... você é a favor da de de de entregá(r) as arma?
Inf.5.: não num é de entregá(r)... **eu sô(u) a favor de de desarmá(r)...** ⁶[num] **[Inf.1: desarmá(r)]** pode comercializá(r) arma
Inf.1: éh?... ontem... ontem em Votuporanga foi preso... foi sequestrado um senhor... de família rica lá no centro de Votuporanga... levaram... dois revól::ver... levaram... levaram dinhe(i)ro levaram jóia levaram um (monte) de coisa (inint.) por que ((sobreposição inint.)) porque que ele tinha a/ essas armas em CAsa e se nada valeu? [Inf. 2.: é nada mesmo]... porque na hora que ele entrô(u) as arma tava dentro de casa né?... éh abriu o portão po éh... se fosse pa entrá::(r) os bandido tava... entrô(u) prime(i)ro que o ⁷[cara]
Inf.5.: ⁷[é mais] duas arma a serviço do crime [Inf.1: então].... **mais sabe porque**

que eu sô(u) mais favorável a isso aí... porque é o seguinte... muito acidente que acontece dentro de casa... é por causa da arma... ⁸[se cê num tem] ⁸[Inf.2: muita criança] arma num acontece acidente (AI 001/ L 90-102)

No exemplo 5, a repetição "mais sabe porque eu sô(u) mais favorável a isso aí", reintroduz o tópico sobre ser favorável ou não ao desarmamento, depois do encerramento de um tópico paralelo. Dessa forma, a repetição retoma o tópico discursivo que sofreu um deslocamento de sua relevância, ao se desenvolver um tópico paralelo, reestabelecendo suas propriedades de centração e organicidade.

A estratégia de reformulação textual-interativa da repetição só pode ser amplamente estudada utilizando o tópico discursivo como unidade de análise. O tópico, como podemos observar nos exemplos citados, funciona não apenas para a análise da organização textual, mas também para a definição das estratégias de reformulação e construção textual como a repetição, foco desse trabalho, e os parênteses como vimos no exemplo (3).

No próximo exemplo, o informante começa a contar uma história vivida por seus amigos com algumas meninas num final de semana, dessa forma, podemos dizer que o supertópico centra-se nas aventuras desses rapazes com três moças na saída de uma festa. Esse supertópico pode ser dividido em três subtópicos, a saber: (i) o momento que os rapazes encontram as meninas para dar uma carona para a casa delas; (ii) o desvio do caminho sem avisar as moças e a tentativa de beijá-las à força e (iii) momento em que os moços resolvem levar as meninas para a casa. A repetição do item "menina(s)" aparece como uma estratégia de condução e manutenção dos segmentos tópicos dentro de um quadro tópico, ou seja, é sobre essa aventura com as meninas de que se está falando. A repetição do item "menina(s)" caracteriza a construção dos segmentos tópicos, além de produzir um elo de coesividade entre eles. Vejamos o exemplo a seguir:

- (6) Doc.: bom eu gostaria agora que você me contasse uma histó::ria que tenha ocorrido com alGUÉM que você conhe::ça que tenha sido interessan::te
Inf.: éh:: tem uma história que aconteceu com::... dois amigos meus... eles::... tem aqui em Rio Preto tem uma/ um lugar uma balada tinha né? que agora fechô(u)... éh:: onde tinha:: **umas meninas** assim como (posso) dizê(r)? FÁceis né? ((risos))... então eles costumavam í(r) na frente dessa balada pra dá(r) carona **pas meni::na** tal e já pegavam saíam com **as meni::nas**... ficavam com e::las tal levava po motel:: esse tipo de coisa né?... aí um dia eles pegaram passaram lá na frente pararam né? como sempre... e:: encontraram tinham **três meninas**... lá e estavam os dois só... né? e eles pegaram e perguntaram para **as meninas** se elas queriam carona né?... aí tal **as meninas** pegaram e aceitaram a carona tal elas entraram dentro do carro... os dois na frente né?... e as **três meninas** atrás... só que aí no meio do caminho pra casa delas... eles pegaram e desviaram o caminho assim tipo::... sem falá(r) nada para elas... pararam num lugar aí trocaram de

posição né?... porque:: um tava meio bêbado eles pegaram e trocaram... de lugar... e::

Doc.: como assim trocaram de lugar?

Inf.: a:: o E. tava dirigindo... só que ele tava mal... tinha bebido muito... e o D. num tinha bebido quase nada... e tava de::... passage(i)ro... e eles pegaram tipo pararam o carro... pro D. começá(r) a dirigí(r)... mas nisso o::... tam(b)ém o:: E. pegô(u) pediu puma **menina** que tava atrás... passá(r) pa frente... pa ficá(r) junto c'o D... e ele pegô(u) foi pa trás com as o(u)tras **duas**... e ele pegô(u) sentô(u) no meio das o(u)tras **duas meninas**... nisso eles pegaram... pararam o carro e tipo num continuaram andan(d)o num fora/ seguiram o caminho né?... eles pararam::... num lugar escuro assim né?... e ficaram com **as menina** lá tal nisso o:: E. começô(u) a be(i)já(r) **uma menina... a menina** num queria be(i)já(r) ele... e ele pegava e forçava e be(i)java ela... aí ele disse que se **a menina** não be(i)jasse ele ((risos)) que todas iam descê(r) do carro... que num ia ficá(r) ninguém dentro do carro... ((rindo)) nisso... ele catô(u) e pediu pro D. de novo **a menina** num queria be(i)já(r) ele ele pediu pro D. dá(r) a direção pra ele... porque o D. tava com dó **das menina** e queria levá(r) **as menina** embora... aí ele pegô(u) a direção do carro... e foi dá uma ré no carro... num sei o que ele foi fazê(r)... que ele tava contan(d)o... e deu uma ré e bateu numa ca-ÇAM-ba... o:: carro... bateu tal... nisso foi maior confusão:: as menina ficaram com me::do... se assusta::ram tal e tinha po(u)co tempo de carta ainda né?... aí a menina pegô(u) ((risos)) ficô(u) com tanto medo e resolveu ficá(r) com ele... só que nisso aí depois ele acabô(u) até desistin(d)o porque ele tava tão bêbado que eles num tavam dando conta... aí o:: D. pegô(u)... catô(u) o ca::rro acabô(u) levan(d)o **as menina** embo::ra né? o D. acabô(u) nem fican(d)o com ninguém porque ele nem curtiu **as meni::na** achô(u) **as meninas** meio feia assim... e num quis ficá(r) com ninguém e o:: E. (a)cabô(u) be(i)jan(d)o **a menina** lá... só que acabô(u) nem rolan(d)o mais na::da tal e de(i)xaram **as menina** em casa e:: tipo elas num quiseram e eles acabaram ficando com dó delas... (AC 49/NR/ L. 70-110)

Podemos dizer que, no primeiro subtópico, o item "meninas" é mais genérico, pois se trata de qualquer moça encontrada na balada. No entanto, o informante faz uma recategorização, pois ele vai se referir às "meninas fáceis", que são encontradas nas portas das boates e que aceitam caronas de estranhos.

No segundo e terceiro subtópico, o item lexical "menina(s)" passa a ser quantificado, pois o informante conta a experiência de seus amigos com três meninas que encontraram em uma balada. O item "menina(s)" ainda é categorizado como "meninas fáceis", entretanto, o item será recategorizado pelo menos mais duas vezes como "meninas com medo" e "meninas meio feias". Marcuschi (2006) salienta que a repetição vai estabelecer uma continuidade tópica, mas não identidade referencial, desse modo, essas recategorizações do item lexical "meninas" servem para mostrar que a repetição é realmente uma estratégia de reformulação textual.

No exemplo a seguir, notamos a presença de repetições de construção oracional e suboracional formadas pelo menos de SN "*a gente*" + verbo (pretérito perfeito ou imperfeito).

Essas sucessivas repetições proporcionam ao tópico discursivo uma estratégia de conexão interfrástica, além de criar um movimento interacional que favorece um maior envolvimento com o que está sendo dito. Vejamos o exemplo (7):

- (7) Inf.: bom tem uma história que aconteceu comigo há uns dois anos atrás mais ou me::nos... que:: o pessoal da::... que a **gente tinha/ tava::** no terce(i)ro colegial:: tal a **gente se formô(u)** no terce(i)ro colegial... e a **gente se encontrô(u)** um ano depois pra e **aí a gente fez** um churrasco pa reuní(r) toda a turma... **aí a gente pegô(u)**... tava no churrasco tal e a **gente resolveu fazê(r)** alguma coisa diferente... **aí a gente resolveu saí(r)** pra:: ro(u)bá(r) cone... cone desses de trânsito **aí a gente saiu** e:: tinha uns sete oito carros... todo mundo com carro cada um no seu carro né?... **aí a gente foi** tal ro(u)bá(r) co::ne tal... e:: só uma amiga nossa que pegô(u) e saiu pra:: pegá(r) o cone ninguém tinha/ teve coragem de pegá(r) (AC 49/NE/ L.5-13)

O tópico discursivo central, ou supertópico, concentra-se em uma reunião de ex-alunos, que terminaram o Ensino Médio no ano anterior. Esse supertópico pode ser dividido em dois subtópicos: (i) o churrasco dos ex-alunos e (ii) a tentativa de roubar cones de trânsito. No primeiro subtópico temos as seguintes repetições: "a gente tinha/tava:: no terceiro colegial", "a gente se formô(u) no terceiro colegial", "a gente se encontrô(u) um ano depois", "aí a gente fez um churrasco", "aí a gente pegô(u)", "aí a gente resolveu fazê(r) alguma coisa diferente". Além da repetição do SN e do verbo no pretérito perfeito, pontuando o dado momento em que essa atividade aconteceu, notamos ainda a repetição do marcador discursivo (MD) "aí" nas três últimas repetições, marcador que revela uma maior dinâmica interacional dentro do tópico, além de uma certa sequencialidade dos acontecimentos.

O segundo subtópico também segue essa mesma estrutura de repetição, ou seja, MD + SN + verbo (pretérito perfeito): "aí a gente resolveu saí(r) pra:: ro(u)bá(r) cone", "aí a gente saiu", "aí a gente foi tal ro(u)bá(r) co::ne tal". As repetições causam um ritmo diferenciado na interação, uma vez que são feitas praticamente sem pausas, ou com pausas muito curtas, estratégia que prende a atenção do interlocutor à história contada. Dessa forma, esse tipo de repetição por listagem contribui para o reconhecimento e manutenção do tópico, por meio de sua propriedade de contração.

Fato semelhante acontece com o exemplo (8), o informante vai descrever o seu carro e se prende às qualidades do veículo. Vejamos:

- (8) ele tem rodas espe/ especiais... pra:: *off road*... ele tem::... **o motor dele é** totalmente::... é retificado... **motor dele é** novinho é o motor de um de um o(u)tro carro... que chama que chama *Maverick*... **é um motor** dois ponto três... de quatro cilindros... a álcool né?... **é um motor** bem for::te tal... ele tem um cambio

que tem quatro mar::chas... éh::... ele tem éh tem uma reduzida também no cambio... (AC 49/DE/ L. 122-126)

O locutor utiliza dois paralelismos sintáticos "o motor dele é" e "é um motor", expandindo essas repetições com qualidades atribuídas ao motor do carro: "o motor dele é totalmente::... é retificado", "motor dele é novinho", "é um motor dois ponto três... de quatro cilindros... a álcool", "é um motor bem fo::rte". Como no exemplo (7), o locutor está totalmente envolvido com o fato narrado, proporcionando um ritmo diferente na interação causado por essa repetição de construções subordinadas. Nesse exemplo, no entanto, há uma cadência diferente na fala, o informante utiliza pausas, sinalizando uma busca de alternativa de formulação textual. A estratégia da repetição nos exemplos (7) e (8) revelam, dessa forma, um dinamismo e uma continuidade da construção tópica, além do envolvimento entre os interlocutores no momento da interação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos como a repetição estabelece uma forte relação com a manutenção, condução e retomada do tópico discursivo, vemos que essa estratégia de formulação textual-interativa só pode se configurar, se realmente funcionar dentro de uma centração tópica, respeitando as propriedades de concernência, relevância e pontualização. Nosso interesse era o de discutir como a repetição é importante na manutenção e progressão do tópico, assim como outras estratégias de construção textual-interativa como os parênteses, as paráfrases e as correções. Observamos também, ainda que brevemente, como o tópico, como unidade analítica, consegue particularizar as funções da repetição.

Notamos que a repetição pode aparecer juntamente com outras estratégias textual-interativas, a fim de ajudar na construção e na progressão do tópico discursivo. Neste trabalho, discutimos um pouco o funcionamento da repetição e dos parênteses, no entanto, temos convicção de que algumas estratégias de construção textual (a hesitação, a própria parentetização e a correção) implicam no processo de repetição. Como se trata de um campo rico para os estudos, parece-nos que a imbricação dessas estratégias de construção textual é um bom ponto de partida para estudos futuros.

7 REFERÊNCIAS

CASTRO, V. S. Um caso de repetição no português, *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 27, p.85-101. jul./dez. 1994.

GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. In: TAGNIN, E. O.; VALE, O. A. *Avanços da linguística de corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2008, p.217-245.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v.48, n.1, p. 53-41, 2006.

_____. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et.al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes, 2007, p. 313-327.

JUBRAN, C. C. A. S.; URBANO, H.; RISSO, M. S.. Organização tópica na conversação. In: ILARI, R (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; FAPESP, 1992, v.II, p. 357-440.

KOCH, I. G.V. Principais mecanismos de coesão textual em português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 15, p.73-80, jul./dez. de 1988.

_____. A Repetição e suas Peculiaridades no Português Falado no Brasil. In: URBANO,U. et al. (org). *Seus Temas: Oralidade, Literatura, Mídia e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 118.127.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005, 167p.

MARCUSCHI, L. Marcadores conversacionais no Português Brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org). *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

_____. A repetição na língua falada: formas e funções. Recife: UFPE, Tese para Concurso de Professor Titular em Linguística da UFPE, 1992

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, vol. VI – Desenvolvimentos, 1996, p. 95-129.

_____. Repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado –Desenvolvimentos*. 2 ed.rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 105-141. (Série Gramática do Português Falado, volume VI).

_____. Referenciação e Progressão Tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n.1, p.07-22, 2006.

PINHEIRO, C. L. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p.43-51, 2006.

_____. Objeto de discurso e tópico discursivo: sistematizando relações. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 793-812, set./dez. 2012.

RAMOS, J. Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado. 1983, 137 f. Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

TANNEN, D. Ordinary conversation and literary discourse: coherence and Poetics of Repetition. *Annals of the New York academy of science*, 1985.

_____. Repetition in conversation: Toward a poetics of talk. *Language*, v.63, n. 3, p. 574-605, 1987.

_____. Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

TENANI, L. E. *Análise prosódica das inserções parentéticas no córpis do Projeto da Gramática do Português Falado*. 1996, 185f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, SP.

TRAVAGLIA, L. C. Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação. *Letras & Letras*. Uberlândia, v. 5, n.1 e 2, p. 05-61, 1989.

Data de recebimento: 03/11/2014

Data de aprovação: 17/12/2014